

## PAI E FILHO (AV UVNÔ), DE YEHUDA STEINBERG

### FATHER AND SON (AV UVNÔ), BY YEHUDA STEINBERG

Gabriel Steinberg\*

**Resumo:** Seguindo o percurso de aproximar o leitor no Brasil a textos literários publicados nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX por escritores em Língua Hebraica na Europa, este texto apresenta a tradução do conto *Pai e Filho*, de Yehuda Steinberg. Steinberg nasceu em 1863 na cidade de Lipcani, na atual República da Moldávia, que no século XIX fazia parte do Império Russo. Considerado um dos grandes escritores em língua ídiche, acabou aderindo ao renascimento da Língua Hebraica, corrente impulsionada pelo despertar do movimento sionista. Veio a falecer em 1908, em Odessa, na Ucrânia, cidade que se tinha transformado num dos mais vibrantes centros da intelectualidade judaica e um dos centros de produção de literatura em Língua Hebraica na Europa no início do século XX.

**Palavras-chave:** Língua Hebraica. Literatura Hebraica. Renascimento do Hebraico.

**Abstract:** Following the path of bringing the reader in Brazil closer to literary texts published in the last decades of the 19th century and the first decades of the 20th century by writers in the Hebrew language in Europe, this text presents the translation of the short story *Father and Son* by Yehuda Steinberg. Steinberg was born in 1863 in the city of Lipcani, in the current Republic of Moldova, which in the 19th century was part of the Russian Empire. Considered one of the great writers in the Yiddish language, he ended up joining the revival of the Hebrew language, a current driven by the awakening of the Zionist movement. He died in 1908 in Odessa, Ukraine, a city that had become one of the most vibrant centers of the Jewish intelligentsia and one of the centers of production of literature in the Hebrew language in Europe at the beginning of the 20th century.

**Keywords:** Hebrew Language. Hebrew Literature. Hebrew Revival.

Shmuel Harif cresceu entre quatro irmãos. Ele era o quinto e, portanto, o caçula de seus pais. Ele nasceu fraco, sujeito a todos os tipos de calamidades e problemas de

---

\* Gabriel Steinberg é professor no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
E-mail: <steinberg1818@usp.br>.

saúde. Sua aparência era frágil demais se comparado a seus irmãos, todos eles saudáveis e corpulentos. Já Shmuel era magro, de baixa estatura, quase esquelético. Mas o Santo, Bendito seja Ele - não se omite da existência de nenhuma das criaturas deste mundo. Os carrapatos, por exemplo, são uma espécie não tão forte, desprovidos de órgãos de defesa e, no entanto, Deus os abençoou com um mau cheiro, com o intuito de que possam se proteger de predadores.

E assim nasceu Shmuel, ele também veio a este mundo com um forte mecanismo de autodefesa. Ele falava alto, e esse era seu escudo protetor. Assim, era difícil resistir à sua voz imponente, voz essa que foi benéfica para ele, pois graças à mesma, sua mãe não o deixou passar fome sequer por um único momento. Ela dedicava a ele toda sua vida, desde que o menino parasse de berrar. Por vezes, ela ficava curvada sobre o berço por longas horas e não tirava seu dedo da boca do menino, para que ele não voltasse a chorar.

Quando o menino cresceu, costumava brincar escalando sobre as cadeiras. Se eventualmente ele caísse da cadeira, seus pais, assustados, convocavam de imediato a todos os médicos, para que ele não começasse a berrar deixando atordoados com seus gritos, a todos os membros da casa. Se o menino comia alguma refeição pesada e acabava acordando à noite com uma dor de barriga, seus pais imediatamente corriam com ele até a farmácia e aguardavam que o farmacêutico o examinasse exaustivamente. E assim, todos os truques eram usados com tal de aplacar seus gritos o mais rapidamente possível.

A criança nunca sofreu de falta de alimentação e nem de fome. Seus irmãos acostumaram-se a ser condescendentes com ele em tudo, e a abandonar suas eventuais desavenças a fim de que ele não os atormentasse com seus berros. E o menino foi tornando-se tirânico, atemorizando com seus gritos toda a família. Seu poder residia no poder de sua boca.

Quando Shmuel cresceu, ele decidiu mudar suas armas de defesa. Os gritos de antigamente foram substituídos por suspiros e reclamações. Ele passou a reclamar de sua fraqueza, de dor de cabeça, de cansaço e de todos os tipos de dores que ele nem sequer sabia como definir ou nomear. Suas constantes reclamações tornaram-se tão incômodas e tão irritantes que era difícil resistir às mesmas. Seus constantes reclamos entristeciam seus irmãos e eram capazes até mesmo de afetar a alegria de um noivo que se encontrasse sob o dossel nupcial. É verdade que ele não pretendia amargurar a vida das pessoas ao seu redor. Ele amava a vida, e todos os seus suspiros não passavam de uma espécie de proteção e de autodefesa. "Qualquer ser humano, quando sente dor em alguma parte do corpo", afirmava Shmuel, "deve anunciar essa dor de imediato, para que os outros possam

lhe prestar ajuda, e o doente não venha a correr nenhum perigo." Assim ele acostumou a família a se compadecer dele.

Tempos depois, uma crise econômica afetou seu pai, e ele se viu impossibilitado de pagar a mensalidade escolar de seus cinco filhos. Sendo assim, tomou a decisão de parar de pagar a mensalidade dos quatro mais velhos, concentrando todos os seus esforços na educação de seu filho mais novo. Impossibilitados de prosseguirem com os estudos, os quatro irmãos começaram a comprar e a vender mercadorias, e se transformaram em comerciantes, enquanto ainda estavam por perto da casa do papai. Já Shmuel engajou-se nos estudos e teve sucesso nessa dedicação. Quando ele completou dezessete anos, seus irmãos o respeitavam muito, mas, acima de todo o respeito, eles continuavam sentindo uma profunda pena dele.

Conforme Shmuel foi se tornando adulto, suas necessidades tornaram-se múltiplas, por isso seus irmãos continuaram lá para ajudá-lo provendo-lhe roupas bonitas e outras necessidades. Dessa forma Samuel acostumou-se a usar roupas boas providenciadas pelos irmãos que também se preocupavam para que nada lhe faltasse, pois ao final de contas, Shmuel merecia ser tratado com compaixão.

Tempos depois, apareceu naquele lugar um homem rico interessado em ter Shmuel como noivo para sua filha, porém com a condição de que o pai dele também lhe desse um dote de casamento. O que os irmãos fizeram? Reuniram-se os quatro e cada um deles destinou uma soma respeitável a ser oferecida de dote e, além disso, decidiram cobrir todas as despesas da cerimônia de núpcias. Não foi por puro amor e compaixão; também havia ali algum cálculo particular: depois de definir a situação financeira de Shmuel e ele não mais precisasse da ajuda dos irmãos, haveriam eles de se preocupar com o próprio futuro.

Assim, Shmuel casou-se com a filha daquele homem e também teve filhos. Mas, nesse ínterim, o dote que havia recebido de seu pai e dos irmãos foi-se pelo ralo. Ele se envolveu em muitos negócios e começou a arquitetar novos planos comerciais, mas não teve tempo de implantá-los, até que acabou perdendo todo o dinheiro. Naquela época, o pai morreu, deixando para os filhos uma parca herança. Um dos irmãos sugeriu que cada um deles renunciasse à sua parte em favor de Shmuel. Os outros irmãos olharam para ele perplexos e disseram: "E você pensou até agora que haveríamos de receber a herança, deixando que Shmuel, que Deus não o permita, morresse de fome?". Nesse interim, o sogro de Shmuel empobreceu antes de morrer sem deixar nada à filha, e o dinheiro que

Shmuel recebeu de herança também se foi pelo ralo. É assim que o mundo anda, quem recebe heranças ou dotes, demora a vê-los como um sinal de bênção, e quando percebe, o dinheiro acaba se esvaindo.

Shmuel gerou vários filhos, e aqueles que eram pequenos antes, tornaram-se grandes agora, suas necessidades foram aumentando e Shmuel não tinha mais meios de subsistência. Mas ele não perdeu as esperanças, em vez disso, mostrava-se plenamente confiante no futuro cheio de planos e projetos, traço comum a todos os novos negociantes. Ele continuava acreditando que tudo o que viera a ele mediante o dote e a herança, não era nada além de uma coincidência. Se ele tivesse nesse momento uma boa quantia de dinheiro, pensou, certamente poderia construir um mundo de novas possibilidades.

Mas nesse momento ele nada possuía, e o que era pior do que isso, já não tinha meios para o sustento próprio e de sua família. Foi então que seus irmãos solteiros reuniram-se e deram-lhe uma quantia em dinheiro com a condição de que abrisse um comércio. Porém isso não estava na medida de suas ambições e planos. O que ele fez? Foi e alugou uma pedreira para extração, entregando para isso todo o dinheiro que os irmãos lhe haviam confiado. Só que dessa vez Shmuel decidiu não assumir a nova empreitada sozinho. Dessa vez ele quis beneficiar seus irmãos, tornando-os sócios em sua nova empresa. Segundo seu plano, a empresa se dedicaria ao corte de pedras para a pavimentação de ruas e também para a construção de casas. Fez um relatório, excluiu todas as despesas previstas e, até, fez um cálculo preciso do lucro. Como o capital já encontrava-se nas mãos de Shmuel, os irmãos foram forçados a acreditar em seus cálculos e a entregar-lhe o resto do dinheiro a ser pago pela nova empresa a tempo.

Porém, como costuma acontecer, quem tinha feito a previsão orçamentária de toda a empreitada tinha sido Samuel e seu erro de cálculo levou todo o projeto ao precipício. Com muito sacrifício, os irmãos conseguiram recuperar uma parcela do capital investido, enquanto que Shmuel, mais uma vez, saiu ileso. Depois disso, dois irmãos assumiram a manutenção de sua casa e os outros dois se comprometeram com a aquisição dos alimentos e com o pagamento das mensalidades escolares para seus vários filhos. Shmuel mostrou-se feliz com isso, já que não precisava mais se preocupar com suas necessidades de subsistência. Por outro lado, essa situação confortável lhe permitia refletir sobre novos planos comerciais. Assim, suas reflexões não foram em vão. Em pouco tempo ele se animou com um novo projeto: a venda de cera para a América. Ele pode nunca ter estado na América, nem nunca ter negociado com cera, mas qual poderia ser o problema quanto a isso? Bastava que ele soubesse que as abelhas produzem cera junto com o mel a partir

do néctar de flores silvestres. Ele também tinha ouvido falar, que as pessoas na América cultivavam mais terras do que ali, na Europa, mas mesmo assim, existiriam poucas flores silvestres por lá, tornando a apicultura mais difícil. Ele concluiu então que o preço da cera na América deveria ser alto, e novamente acreditou que encontraria facilmente um sócio para seu novo negócio. Apenas lamentou que todo aquele iminente lucro não cairia no bolso dos irmãos, que certamente se oporiam à nova empresa.

Mas ele não encontrou nenhum parceiro para a empresa de cera, então decidiu iniciar um novo comércio, um dia enquanto andava pela floresta. Se tivesse dinheiro suficiente na mão, pensou, ele poderia arrendar parte daquela floresta por vinte anos. Essa floresta que ficava às margens do rio, tinha, aos seus olhos, grande potencial. Ele planejou então levantar um moinho com as toras extraídas das árvores da floresta. Nesse moinho ele poderia moer farinha que seria carregada em jangadas para as grandes cidades. Lá, ele abriria uma distribuidora de madeiras além, é claro, de um comércio de farinha separadamente. E ainda, com o farelo ele poderia engordar bois para o abate. Naquela floresta ele enxergava um belo tesouro e um mar sem fim de possibilidades. Ele só precisava pôr as mãos na massa e começar a trabalhar, só que, nesse interim, sua esposa morreu. Sendo assim, concluiu, o ser humano deve abençoar o mal assim como abençoa o bem, e depois de sepultar sua esposa, casou-se com outra mulher, recebendo um novo dote.

Imediatamente depois, ele começou a procurar sócios para seu novo negócio, porém não os encontrou. “Todos os mercadores desta cidade são míopes” – pensou Shmuel. “Eles são incapazes de enxergar alguma coisa para baixo de seus narizes, e para cima de suas cabeças, eles não veem nada”.

Em pouco tempo, sua nova esposa lhe deu um novo filho, mas quando ela se cansou de suas constantes divagações e projetos, rebelou-se contra ele separando-se dele pouco tempo depois. Dias ruins haviam chegado para Shmuel. Enquanto isso, dois dos seus irmãos que ainda eram solteiros, encontraram pretendentes e abandonaram a solteirice. Assim, eles já não podiam mais zelar pelo bem estar de Shmuel. Mas o Santo - bendito seja Ele – antecipou-se à queda prevista de Shmuel e seu filho mais velho, Aharon, alcançou a maioria e começou a ganhar um bom dinheiro. Inicialmente, Shmuel relutou muito em receber dinheiro do filho, então o dinheiro que pegou era, por horas, apenas a título de um empréstimo. Por outro lado, Aharon não demonstrava nenhum interesse e nem necessidade em seus lucros, e por isso entregava-o a seu pai.

Aharon tinha sido criado em meio aos livros, e de duas coisas ele gostava desde a infância: a leitura e a agricultura. Ele havia lido muitos livros que exaltavam o trabalho da terra. E como fora que Aharon tinha começado sua vida profissional? Pois saibam vocês, que a oportunidade surgira quando um parente distante arrendava terras cultiváveis, e resulta que, esse mesmo parente possuía também uma rica biblioteca. E dessa forma, Aharon passou a usar tanto seus campos como seus livros. De dia ele dedicava-se ao trabalho, e à noite concentrava-se na leitura. Aharon costumava ver a vida com excessiva suspeita e tendia a encontrar em tudo o que via algum defeito. E como diz o ditado popular: quem procura encontra, Aharon desenvolveu um talento para encontrar defeitos, um talento para encontrar sempre o mal em tudo, ou pior ainda, criá-lo em sua imaginação num lugar onde ele não existe. Assim, as conhecidas perguntas começaram a incomodá-lo: Por quê? Por que o mundo é assim? Qual a verdadeira razão da existência? Qual o sentido da vida? Será que vale a pena toda a tristeza deste mundo?

Às vezes, ele expressava sua opinião em voz alta com a intenção de que suas palavras chegassem aos ouvidos de seu pai. Isso ocorreu especialmente na época em que seu pai ficou viúvo, quando os casamenteiros começaram a bater na porta de sua casa. O pai olhou para ele com preocupação, suspirou e o aconselhou a se casar o mais rapidamente possível. Mas o filho encolheu os ombros e exclamou: "Nós devemos nos lamentar por todos os seres humanos que povoam este mundo, e você quer que eu acrescente a eles mais algumas almas?" Assim, Aharon perdeu o interesse em se casar, e para aliviar a tristeza, a solidão e a falta de contentamento com a vida, passou a se dedicar com maior afinco ao trabalho. Assim, passou a ganhar quantias consideráveis. Mas o lucro não era sua principal preocupação, apenas o trabalho.

Quando completou vinte e cinco anos, conheceu uma garota sábia e bonita, e ele passou a gostar muito de sua companhia. Ele passou a considerá-la uma parceira apropriada, já que ela compactuava com seus pontos de vista. A comunhão entre eles era tal, que parecia que o espírito dele falasse pela boca da moça. Então entendeu que, em essência, ele não carecia de talento para amar. Pelo contrário, apaixonou-se pela moça como um garoto de dezoito anos, e o que contribuiu para sua paixão foi perceber que ela compartilhava das mesmas ideias que ele. Tudo corria da melhor forma possível.

Uma vez ele parou para refletir e percebeu que não sentia medo do casamento mas sim, das suas consequências. Quem poderia garantir que ele não iria ter filhos imediatamente? Ou talvez filhas? Ou quem sabe, muitos filhos e filhas? Se isso se concretizasse, seu sossego e ordem de vida poderiam sofrer um baque, já que ele é muito

cuidadoso e persistente com a ordem na sua vida. Ele temeu que talvez seus lucros não seriam suficientes para sustentar a família, e temia muito sofrer alguma escassez. Escassez era uma palavra que o apavorava. A ideia de ficar pobre era algo que o atormentava, e até temia que, por causa dela, fosse levado cometer atos que poderiam prejudicar sua honestidade e fé, e levá-lo a ganhar dinheiro de forma desonesta. Esses pensamentos o atormentavam mais do que tudo.

Depois disso, ele não conseguia mais parar de pensar na sua situação, pois percebeu que sua amada não se preocupava com quase nada. Ele se preocupava por si mesmo e por ela, temendo que uma futura crise também poderia atingi-la. Mas enquanto ele estava mergulhado em pensamentos, ela conheceu um outro jovem, um jovem acostumado a antecipar suas ações a seus pensamentos. E quis o destino que os dois acabassem se apaixonando e decidissem se casar, enquanto que Aharon permanecia mergulhado em seus eternos pensamentos. Quando Aharon percebeu o que lhe ocorrera, mergulhou num total desespero, passando a acreditar que se ela, que era a melhor de todas as mulheres o havia traído, certamente todas as mulheres seriam então traiçoeiras, problemáticas e frívolas.

Foi então que decidiu concentrar todo seu esforço no trabalho, ganhando quantias expressivas de dinheiro que ele continuava entregando a seu pai, que por sua vez, constantemente discutia com o filho sobre sua rebeldia em relação à vida. Shmuel chamava Aharon de egoísta, mas este não se enxergava como tal. E quando Aharon chamava seu pai de egoísta, esse também não entendia a razão de tamanha indignação. A única coisa que conseguiram concluir era que os dois estavam distantes um do outro, tanto por natureza como por suas opiniões, e a única característica que os unia, era que um deles sabia ganhar dinheiro sem saber em que utilizá-lo, enquanto o outro gastava todo o dinheiro que, em verdade, não possuía.

Quando Shmuel completou quarenta e cinco anos, casou-se com sua terceira esposa, e casou-se com ela porque estava pensando em começar uma nova vida. Na verdade, sentia-se cansado devido às suas amplas aspirações, que o privavam de descanso. Foi nessa época que ele começou a refletir se dependia mesmo dele conciliar elementos opostos neste mundo: América com Europa, florestas e fábricas. Seria mesmo obrigatório para um homem deixar uma respeitável herança aos seus descendentes? Seus planos não passaram despercebidos aos bons empreendedores. O fornecimento de cera para a América tornara-se um negócio lucrativo, e no rio, próximo à sua casa, um moinho fora

construído, as árvores da floresta já estavam sendo transformadas em jangadas e as clareiras da floresta já estavam sendo arrendadas para o pastoreio do gado. Ele passara sua vida até então idealizando novos projetos, mas quando os expunha aos outros, acabava percebendo que os outros tinham se apoderado de suas ideias. Por isso, agora, ele aspirava descansar.

Aqueles eram dias de entusiasmo pelo assentamento judaico de Eretz Israel, então ele percebeu que poderia comprar terras para um vinhedo na Terra de Israel e viver ali em paz. Mas então ele descobriu o que pela soma de quatro mil rublos uma pessoa podia fazer, mas ele, tão habilidoso, certamente haveria de alcançar os mesmos projetos com apenas dois mil rublos. Ele então conseguiu quinhentos rublos com sua nova esposa, outros quinhentos rublos lhe deram seus irmãos, e, quis o destino que Aharon, seu filho, acabou lhe dando mais mil rublos. Assim, num bom e bem-sucedido momento, Shmuel decidiu emigrar para Eretz Israel, prometendo a seus irmãos que lhes enviaria, em breve, cidras e outros frutos de sua própria vinha.

Mas como já era do conhecimento de todos, devido a mais um empreendimento que fracassara, quando chegou a hora de voltar da Terra de Israel, os filhos que tinham permanecido na diáspora, enviaram-lhe a passagem de retorno. No entanto, ele não voltou para casa imediatamente. Em seu retorno, ele decidiu estabelecer-se por hora em Odessa, e lá se envolveu com um rico parceiro no comércio de venda de camelos que também fracassou. Assim, quando finalmente decidiu voltar para sua cidade, retornou viúvo e pobre.

Aharon ficou feliz com o retorno de seu pai. A essa altura da vida, ele tinha completado trinta e cinco anos. Suas necessidades eram poucas e seus lucros, numerosos. E, sem perceber, ele acumulara uma quantia respeitável de dinheiro. Seus irmãos instavam-no a se casar. Um deles apontava os cabelos brancos que já apareciam em sua cabeça, outro nas rugas que já eram visíveis na sua testa. Um outro irmão o advertia sobre o aviso dado pelo médico que o examinara nos últimos dias, e que havia observado que a solteirice poderia ser prejudicial à sua saúde física, e todos juntos exclamavam sobre essa situação dizendo: “e se não agora – então quando”?

Um tempo depois, ele conheceu uma moça de nome Elliotta Berkovna Zelkind, que se estabelecera na cidade pouco tempo antes. Ela se transformou numa fonte de bênçãos para ele. Ela era bonita e culta, não tinha opiniões fixas e compartilhava suas opiniões com ele. Aharon acabou percebendo que ela era, realmente, uma boa moça para ele. Tempos depois, Aharon adoeceu por três semanas. Durante esse tempo, Elliotta não

o abandonou no seu leito. Ela o alimentou e lhe deu banho até que ele se recuperou. Mas depois que ele sarou ela adoeceu, e Aharon retribuiu sua bondade cuidando dela da mesma forma que ela fizera com ele. E as notícias começaram e se espalhar pela cidade, dando conta de que Aharon e Elliotta estavam noivos. Seus irmãos decidiram incentivar essa possível união.

Mas após esses fatos, Aaron começou a refletir e teve a impressão de que sentia por ela um carinho, tal como os amigos sentem, e que seria capaz de amá-la futuramente, que a amizade haveria de dar lugar ao amor. Quanto à sua condição material, ele não tinha com que se preocupar, já que possuía uma boa reserva de dinheiro e, além disso, era qualificado para o trabalho. Já da parte de Elliotta, não havia nenhum impedimento. Foi então que eles decidiram escrever os termos da futura união. Tempos depois de esboçar os termos da união, a mente de Aharon encheu-se de dúvidas. Ele foi dominado por uma nova ideia, na qual não havia pensado todos aqueles dias. Ele sempre esteve ansioso por ter filhos imediatamente após o casamento. Agora começou a refletir que talvez não fosse conveniente ter filhos tão rapidamente. De acordo com as estatísticas, pensou, quando um homem chega aos trinta e seis anos, ele pode vir a falecer a qualquer momento, e por que razão seria ele uma exceção? E se ele viesse a falecer, então poderiam se passar mais cinco anos ou mais, até que Elliotta desse à luz, mas então ela passaria dos quarenta anos. E se isso ocorresse e ele viesse a falecer, então até ela chegar a novas núpcias, ela precisará da ajuda de seus pais, mas nesse então, os pais da moça já serão idosos, portanto, não poderão mais auxiliá-la, e ainda é possível que, até lá, eles já estejam mortos. A ideia de ter filhos que poderiam se transformar em órfãos passou a atormentá-lo, deixando-o profundamente abalado.

Então ele pensou: - Infeliz, o que você está prestes a fazer?.

Enquanto ele beijava sua noiva, seus olhos derramaram lágrimas e borraram o pó da maquiagem que cobria as bochechas dela. Quando seus irmãos se aproximaram para beijá-lo por ocasião do iminente casamento, sua paciência esgotou-se e ele os repeliu discretamente. Durante toda aquela noite permaneceu perplexo e sem rumo. No dia seguinte, já mais calmo, ele se tornou mais consciente da responsabilidade por seus atos futuros. Foi então que começou a imaginar como se vislumbrava seu futuro. Nesse panorama ele imaginou ver vários meninos e meninas, a Elliotta tendo dificuldades nos partos, ele a imaginou ainda doente, viu a difteria se espalhando entre as crianças, imaginou o luto, a dificuldade na educação e na criação das crianças, o jugo, a falta de

forças, dificuldades no sustento, e sentiu uma profunda inquietação - indo além do que ele estava acostumado. Foi então que ele concluiu:

- Diante de tantas dificuldades, eu poderia ainda persistir?.

O dia de suas núpcias estava se aproximando e seu pai chegou para alegrar-se com ele. Foi então que Aharon pressentiu que uma grande decisão devia ser tomada e ele devia dar um grande passo, passo esse que causaria um grande desapontamento momentâneo, mas que no final traria um grande alívio. Ele decidiu então quebrar o pacto nupcial e pedir desculpas para Elliotta. Ele tinha certeza de que ela haveria de perdô-lo; mais ainda, ela acabaria se convencendo de quão certa era a escolha feita por ele, passando a amá-lo ainda mais, pois, certamente, ela iria concordar que estaria sendo salva de um tenebroso futuro que certamente lhe causaria um forte sofrimento, do qual ele, Aharon, decidira poupá-la. Ele, no entanto, temia a reação de seus irmãos que tanto confiavam nele. Nesse interim, seu pai anunciou a intenção de se casar mais uma vez e de partir, desta vez, para o Canadá, onde começaria uma nova vida, transformando-se num camponês destinado a arar sua terra, mas, para isso, ele precisava arranjar, e com urgência, uma boa quantia emprestada. Aharon ofereceu-lhe de imediato todo o valor necessário e alegrou-se por ter encontrado uma maneira de escapulir de seu iminente constrangimento, a saber, de suas esperadas núpcias. Nesse momento, Aharon levantou-se e deu seu dinheiro ao pai.

### **Referência bibliográfica**

STEINBERG, Yehuda – *Av ubnô* (Pai e filho) *Project Ben Yehuda*. Disponível em: <<https://benyehuda.org/read/3936>>, acesso em 21/12/2021.